

MAR É INSPIRAÇÃO

William Carmo Cesar*

"Mar é inspiração.

É murmúrio das ondas, zunido do vento, solidão infinita,

Música, tom, harmonia, som, canção e cantiga.

É praia, litoral, espuma, nuvem, céu e barco a vela,

Brilho, cor, pintura, tela, óleo, aquarela.

É tema, poema, prosa, verso, poesia,

Sátira, soneto, trova, ode e elegia."

(Mar? O que é o Mar? – William Carmo Cesar)

Nascido e criado na região serrana, fui apresentado ao distante mar nas praias niteroienses e cariocas de nossas antigas capitais estadual e federal, as quais costumava frequentar nos períodos de férias escolares.

Desde então, os encantos daqueles litorais e da Baía de Guanabara, que volta e meia atravessava a bordo das velhas e saudosas barcas da Cantareira

– pois naqueles tempos ainda não havia a imponente e bela ponte Rio-Niterói – foram responsáveis pelo despertar de meu interesse pelos mares e oceanos, suas belezas, seus mistérios e segredos.

Nos idos de 1960, tomei uma decisão que iria mudar o rumo de minha vida: ingressar no Colégio Naval, na belíssima Enseada Batista das Neves, portal de entrada para a tão almejada carreira de oficial de Marinha.

COMO RESISTIR À SEDUÇÃO E AO FASCÍNIO QUE A VIDA NO MAR DESPERTA NOS CORAÇÕES DOS JOVENS?

Em uma carreira naval feliz e prazerosa, tive a oportunidade de concretizar um dos meus sonhos da juventude: navegar mares diversos, visitar enseadas, baías, estreitos, canais e rios em vários cantos do mundo, realizando notáveis viagens, algumas incomuns e exóticas, em passagens que ficaram indelevelmente marcadas em minha alma e coração.

Incontáveis serviços no passadiço, especialmente no zero às quatro ou no quarto d'alva ⁽¹⁾, muitas observações astronômicas aos crepúsculos vespertinos e matutinos, além de voluntárias e prazerosas vigílias nos conveses, ensinaram-

-me a apreciar a solidão dos oceanos, a admirar os primeiros raios de sol incendiando a superfície do mar, a contemplar as luzentes madrugadas enluaradas prateando as águas, a mirar e desvendar as estrelas cintilando no céu e, também, a sentir o inebriante marulhar compassado das plácidas vagas ou o temeroso estrondear das fortes ondas batendo no costado em dias de mares tempestuosos...

Não é à toa que poetas de todos os tempos, lugares e estilos têm cantado as belezas e os mistérios dos mares em poemas que a todos vêm encantando, em especial os homens do mar.

NAVEGANDO NOS MARES DA POESIA

Com o propósito de relembrar poemas e poetas dos mares, imaginei uma pequena viagem através dos mares da poesia, em demanda de alguns dos versos selecionados desses poetas. Como ponto de partida, priorizei trechos de dois poemas épicos escritos por aqueles que mais souberam cantar as navegações que fizeram os antigos nautas lusitanos, desafiando os mares com suas pequenas e frágeis naus e caravelas:

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Deus ao mar, o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”*

(Mar Português – Fernando Pessoa)

*“Já no largo oceano navegam
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando”. (C1-19)
“Depois da procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena, claridade,
Esperança de porto e salvamento.” (C4 -1)*

(Os Lusíadas – Luís de Camões)

Mas o mar não foi inspiração apenas para aqueles extraordinários poetas lusos. Uma plêiade de trovadores, menestréis, bardos... ou seja, diversos outros poetas também o tiveram como incentivo para as suas criações poéticas. Dessa maneira, encontramos revelados em seus versos o amor pelo mar desabrochado ainda na infância, os desejos intensos de partir e voltar novamente aos mares, o querer velejar, a ânsia de ouvir a canção dos marinheiros, a voz aflita do mar e a algazarra esvoaçante das gaivotas:

*“Mar! Como és azul ao longe, Mar sonoro!...
Mar que na bonança ou que na tempestade,
Perto ou distante guarda uma alma inspiradora,*

*Mar impetuoso e calmo, és a nutriz criadora
Dos Deuses...*

*Mar! Eu te amo! E este amor brotou ocultamente,
E na sombra cresceu e se expandiu silente,
Quando impúbere ainda, ao pé da onda, sonhando,
Sentia em minha frente, os cabelos flutuando,
De lá, da profundidade dos teus glaucos valados,
Subirem com volúpia os hálitos salgados!”*

(O Canto de Glauco – Laurent Tailhade)

*“Hei de botar-me aos mares, outra vez,
à solidão do mar e céu,
Tudo que peço é um navio altaneiro e
uma estrela para eu marear por ela.
E o soco do timão, a cantiga do vento, o
velame branco aos sacolões
E a neblina cinzenta na cara do mar, a madrugada
gris despontando...
Hei de botar-me aos mares, outra vez, pois o apelo
do mar veloz
É um apelo perturbador, nítido,
Que não deve ser recusado;
Tudo o que peço é um dia varrido de vento, as
nuvens alvas a bailar,
E o cuspir do borriço, o espoucar da espuma, o
alarido das gaivotas.”*

(Febre Marinha – John Maxfield)

*“Nada, nem os jardins refletidos no olhar
Retém meu coração que já no mar se aninha,
Nem, ó noites, a luz da lâmpada sozinha
Sobre o papel vazio, intangível de brilho,
E nem a mulher moça amamentando o filho.
Hei de partir! Vapor de mastros oscilantes,
Ergue a âncora para regiões extravagantes!
Um tédio desolado, entre anseios intensos,
Ainda acredita no supremo adeus dos lenços! . . .
Mas, ó minha alma, ouve a canção dos marinheiros!”*

(Brisa Marinha – Stéphane Mallarmé)

*“Invejo os que na guitarra
Cantam a dor e o prazer...
Nos acordes que executa
Com perfeição singular
- Eco distante, se escuta,
A voz aflita do mar.”*

(Semeador de Cinzas - Charles Guérin)



Da mesma forma, encontramos presentes em versos de outros notáveis poetas menções sobre a infinita grandeza dos céus e dos mares com suas vagas rolando onduladas pelos ventos ou ainda sobre a lua e as estrelas enfeitando as noites na solidão dos quartos de serviço em alto-mar:

*“Homens do quarto, ao longo da amurada,
Fitam, sem ver, a vastidão do mar
De sonolentas vagas ondulada,
Brandamente a descer e a se elevar.
Áureo disco se mostra, e cresce, e cresce...
Palpita o mar volutuosamente...
E no céu cor de pérola aparece
A branca lua a deslizar tremente.”*

(Luar no Oceano - Laconte de Lisle)

*“Não vês como lenta a vaga
Vem na praia arrebeitar?
Não vês como o vento afaga
Com seu bafo que embriaga
A lisa face do mar?”*

(O Golfo de Baías - Alphonse de Lamartine)

*“A lua aparece,
Lutuosa, entre brumas,
E o oceano estremece,
Revolto em espuma. . . .
Em hórridas guaias,
As vagas, num bando,
Se quebram nas praias,
Rolando... rolando...”*

(Marinha - Paul Verlaine)

*“Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navios
De todas as nações e todos os feitos,
Desenrolando no alto as flâmulas ao vento,
E recortando o azul do limpo firmamento,
Sob o qual há uma eterna, uma infinita calma.”*

(A Cabeleira - Charles Bodelaire)

*“Sulcam, assim, mar alto, infatigavelmente...
Miragens tropicais, longe, enganosamente,
Esboçam construções e torres de ouro no mar...
E eles à proa vão das alvas caravelas,
Vendo só, despenhado em turbilhões de estrelas,
Todo o infinito céu sobre o infinito mar...”*

(Os Argonautas - José Maria Herédia)

NAS ÁGUAS DA POESIA BRASILEIRA

Na literatura brasileira, um grupo de brilhantes poetas igualmente elegeram o mar como inspiração para muitos dos seus versos. Podemos citar, como primeiro exemplo, o santista Vicente de Carvalho, cognominado o “Poeta do Mar”:

*“E o mar então... O mar velho confidente
De sonhos que a mim mesmo hesito em confessar,
Atrai-me; a sua voz chama-me docemente,
Dá-me uma embriaguez como feita de luar...
O mar é para mim como o Céu para um crente.”*

(Sobre o Mar)

*“Ao pôr do Sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular,
Tem a toada de uma prece
A voz do mar!”*

(Sugestões do Crepúsculo)

A carioca Cecília Meireles, uma das mais relevantes poetisas e escritoras de nossa literatura, por sua vez, nos legou esses versos:

*“Muitas velas. Muitos remos
Âncora e outro falar...
Tempo que navegaremos
Não se pode calcular.
Vimos as Plêiades.
Vemos agora a Estrela Polar.
Muitas velas. Muitos remos.
Curta vida. Longo Mar.”*

(O Rei do Mar)

Outros poetas não menos conhecidos e afamados de nossa literatura, como Olavo Bilac, Fagundes Varela e Castro Alves, também nos brindaram com versos alusivos ao mar:

*“De longe, ao duro vento opondo as largas velas,
Bailando ao furacão, vinham as caravelas,
Entre os uivos do mar e o silêncio dos astros.
E tu, do litoral, de rojo nas areias,
Vias o oceano arfar, vias as ondas cheias
De uma palpitação de proas e de mastros.”*

(O Caçador de Esmeraldas - Olavo Bilac)



*“Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azuis,
E a lua cercada de pálida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz.”*

(Névoas - Fagundes Varela)

*“Bem feliz quem ali pode nest’hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo - o mar... em cima - o firmamento...
E no mar e no céu - a imensidade! ...”*

(Navio Negroiro - Castro Alves)

Oportuno lembrar os versos de Nélson Araújo Lima, poeta de novos tempos que teve a oportunidade de viajar pelos mares e oceanos a bordo do nosso Navio-Escola “Almirante Saldanha”, na histórica circum-navegação daquele saudoso navio, realizada de abril de 1952 a maio de 1953:

*“Vaga! Vens das distâncias do horizonte
Onde o infinito encontra o mar, tangida
Pelo sopro dos ventos.
Vaga que vens de longe as rochas nuas
Envolves acordando as madrugadas!
E assim rondando a Terra continuas
A levar sob o Sol e as quatro Luas
As mensagens de apelos malogrados...”*

(A Vaga)

*“Manhã de outubro... Em cada vela aberta
Canta o vento do Atlântico, em surdina...
E as naus Santa Maria, Pinta e Nina
Vão nos rumos da grande descoberta.
Súbito um grito - um grito de conquista
E de glória ressoa: ‘Terra à vista’!...
- ‘Terra à vista’ - responde a voz do Oceano...”*

(A Grande Descoberta)

A VISÃO DO MAR: FORTUNA RESTANTE DO VELHO MARINHEIRO

Para encerrar este memorial do mar, de cunho poético-afetivo, trago de volta de minha origem serrana, temperada ao longo da vida com os borrifos das salsas ondas nascidas nos oceanos, os meus sonhos distantes:

*Sonho às vezes
Com a imagem verde*

*De uma serra distante
E uma doce casinha
Pequenina e bela
Em meio a um jardim
Florido e verdejante
Às vezes sonho
Com um mar azul
De pequeninas vagas
E um barco a vela
Tangido pelo vento
Num balançar lento
Singrando suas águas.*



Aos quais acrescento os últimos versos abaixo, fortuna restante e derradeira de um saudoso velho marinheiro, “dando por finda nossa derrota” ao longo dos infinitos mares da poesia:

*A visão do mar
desperta nostálgicas recordações
vagamente adormecidas
no coração do velho marinheiro...
A visão do mar
estimula o desejo marinheiro
fazendo-o sentir novamente
o marulhar compassado das ondas
acariciando as bordas do seu barco.
A visão do mar
não permitirá, em tempo algum
que suas histórias e sonhos desvanescam
ou fiquem para sempre adormecidos. ■*

NOTA

(1) O zelo pelo navio é feito dividindo-se as 24 horas do dia, em seis períodos também chamados de “quartos”. Zero às quatro refere-se ao quarto de seção de 00h às 4h. Quarto d'alva é o quarto de 4h às 8h (a hora d'alva, do amanhecer).

BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio: Editora Tecnoprint S.A. (Ediouro).
CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Belo Horizonte: Ed. Tapir, s.d.
CESAR, William Carmo. *A Terra é Azul e Redonda. De Magalhães a Gagarin, uma história de circum-navegações*. Rio de Janeiro: SDM, 2020.
LIMA, Nelson de Araújo. *Quando os Lírios Fenecem*. Rio: Ed.do Autor, s.d.
Livro de Ouro da Poesia de Língua Inglesa. Rio: Ed. Tecnoprint S.A., s.d. (Ediouro)
Livro de Ouro da Poesia da França. Rio: Ediouro, s.d.
MEIRELES, Cecília. *Vaga Música*. Rio: Pongetti, 1942.
PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio: Bertrand do Brasil, 1989.

*Capitão de Mar e Guerra (Ref°)